

A American Board Mission e os desafios do protestantismo em Manica e Sofala (Moçambique), ca. 1900-1950 *

Vários estudiosos, entre eles missionários, sociólogos, historiadores ou cientistas políticos, analisaram o impacto do cristianismo junto das comunidades moçambicanas, mas raramente se debruçaram sobre a zona central de Moçambique. Este artigo analisa o papel desenvolvido pela American Board Mission na cristianização e educação de Moçambicanos em Manica e Sofala e apoia-se essencialmente em fontes primárias localizadas nos arquivos de Moçambique e Zimbabwe, para além de documentação diversa em poder de missionários franciscanos em Manica¹. A literatura secundária sobre as missões cristãs, em particular a actividade protestante, em Manica e Sofala é bastante escassa. Os principais trabalhos debruçam-se sobre o impacto das missões protestantes na produção da elite africana que directa ou indirectamente esteve ligada ao movimento associativo e nacionalista na região². O mais detalhado estudo sobre a missão católica é o de Félix Lopes³. A influência da Missão americana na região central é abordada de forma tangencial por J.K. Rennie e L. Spencer⁴. A tese de Rennie constitui um importante suporte para a

* O presente texto resume um capítulo (« Migrants and Protestant Churches in Manica District, 1930-1960 ») da minha tese de doutoramento em processo na School of Oriental and African Studies (SOAS) em Londres.

1. No Arquivo histórico de Moçambique (AHM) existe uma vasta documentação relativa ao funcionamento das missões cristãs, tanto católicas como protestantes, em Manica e Sofala, embora de localização difícil devido a dispersão da informação. Para mais detalhes, veja a lista em Apêndice.
2. Veja M. CAHEN, *Les mutineries de la Machanga et de Mambone (1953) : conflits sociaux, activisme associatif et tension religieuse dans la partie orientale de la zone vandau*, comunicação ao IIº colóquio internacional de ciencias sociais sobre a África de língua oficial portuguesa, Bissau, 1991, 45 p. mimeo ; A.-S. ARNOLD, *Missions, African Religious Movements and Identity in Mozambique, 1930-1974, ibid.*, Bissau, 1991 ; M.P. de ANDRADE, « Proto-nacionalismo em Moçambique. Um estudo de caso : Kamba Simango » *Arquivo* (Maputo), 6, 1989 : 127-147.
3. F. LOPES, *Missões franciscanas em Moçambique, 1898-1970*, Braga, Editorial franciscana, 1972.
4. Estes estudiosos desenvolveram uma profunda pesquisa de fontes missionárias depositadas em arquivos americanos de Boston e New York, para além de Zimbabwe. Veja J.K. RENNIE, *Christianity, Colonialism and Origins of Nationalism Among the Ndaus of Southern Rhodesia, 1890-1935*, Ph. D. thesis, Illinois, Northwestern University, 1973 mimeo ; L.P. SPENCER, *Towards an African Church : Kamba Simango, Fred Bunker, and the Lowlands of Mozambique, 1893-1945*, paper presented at the 18th Annual Meeting of the African Studies Association in San Francisco, 28 Oct. 1975, 18 p. mimeo ; L.P. SPENCER, *Em direcção a uma Igreja africana em*

compreensão da influência da American Board Mission junto das comunidades locais no centro de Moçambique, particularmente em Mossurize, e sua relação com a vizinha Rodésia do Sul (Zimbabwe).

A Companhia de Moçambique, a Igreja católica e a influência protestante antes de 1930

Muito antes da presença portuguesa nos séculos XV e XVI, as populações e reinos da zona central de Moçambique estabeleceram contactos com o exterior, especialmente através da actividade comercial com os Árabes, Indianos e Persas. No entanto, foram os Portugueses que de forma sistemática procuraram converter os reinos locais ao cristianismo, o que veio a acontecer com os monarcas de Muenemutapa. Este processo foi dirigido pelo missionário português D. Gonçalo da Silveira. Todavia, devido a conflitos internos e resistência local, a cruzada de da Silveira acabou com o seu próprio assassinato. A partir deste acontecimento passou-se um lapso de tempo sem que a acção católica se fizesse sentir em Manica e Sofala. Entretanto em 1898 os missionários católicos retomaram a sua actividade através da ordem franciscana a partir da cidade da Beira e de Amatongas em Chimoio. Até 1930, os franciscanos funcionaram na base do auto-financiamento, embora gozassem de alguma simpatia e protecção da Companhia de Moçambique. Nestas condições a sua expansão em Manica e Sofala não podia ser melhor. Concentraram-se ao longo da linha férrea, precisamente nas áreas onde os fazendeiros brancos desenvolviam actividades agrícolas. A presença colona ao longo do corredor ferroviário (Beira-Umtali) provocou a deslocação das populações africanas para longe das principais vias de comunicação. À excepção de Macequece, as regiões de Mossurize e grande parte de Manica permaneceram por muitos anos afastadas da órbita do catolicismo e por isso mesmo vulneráveis à influência das missões protestantes (American Board, anglicana, e American Methodist Episcopal Church) estabelecidas na Rodésia.

Em 1930 a Companhia de Moçambique apercebendo-se da necessidade de elevar a qualidade da sua mão-de-obra, especialmente com conhecimentos básicos de carpintaria, construção e outros ofícios, decidiu subsidiar os missionários franciscanos. Esta aproximação à missão católica em parte deveu-se à necessidade de armá-la contra a crescente propagação das missões protestantes, particularmente a American Board Mission. Uma das principais preocupações era a crescente migração infantil e a conseqüente redução das fontes de mão-de-obra. Com a assinatura de um acordo em Setembro de 1930⁵, a Companhia de Moçambique obrigava-se a providenciar a direcção da missão católica na Beira com um subsídio anual de 3 000\$00. Por seu turno, a missão comprometia-se a abrir escolas nas zonas rurais, sobretudo as de maior concorrência protestante, para além de um curso de capacitação de professores-catequistas em Amatongas.

Moçambique: a comunidade protestante em Manica e Sofala, 1892-1945, Beira, Igreja de Cristo unida em Moçambique, 1993, 88 p. mimeo (traduzido por José M. Mandlate).

5. F. LOPES, *Missões franciscanas...*, op. cit. : 351.

O Estado Novo, a Concordata e o protestantismo

Com o advento do Estado Novo em Portugal, o projecto colonial foi redimensionado, com particular incidência para o reforço do papel da Igreja católica na formação moral e cívica e na instrução dos Africanos. Assim, à Igreja católica foi confiada a missão civilizadora do « indígena » através da cristianização. Ao optar pela revitalização da ideia do Padroado, o Estado Novo concedeu à Igreja católica direitos exclusivos de dirigir a educação de Africanos, promover serviços sanitários e proceder ao registo de nascimentos e casamentos. As novas relações entre o Estado e a Igreja foram formalizadas através da assinatura do Acordo missionário (Concordata) entre o Vaticano e o governo português em 1940, e do Estatuto missionário em 1941⁶. Trabalhando sob estes dois instrumentos legais, a Igreja católica tinha na fé cristã o seu principal instrumento espiritual. Por seu lado, o Estado via na Igreja o seu principal instrumento civilizador, isto é de integração do « indígena » ao universo cultural português.

Embora à partida se possa considerar progressista a intenção do Estado em promover a educação dos Africanos através de conhecimentos básicos para a sua melhor contribuição no quadro das novas relações económicas e sociais, a definição de currículos e programas escolares exclusivamente dirigidos ao Africano mostra claramente a intenção do colonizador em perpetuar a dominação de novas gerações⁷. De facto, a limitação dos currículos aliada à deficiente formação dos professores e fraca distribuição da rede escolar nas zonas rurais contribuíram para reduzir a instrução à aprendizagem da língua portuguesa e aritmética básica. Em muitas regiões de Manica e Sofala o ensino não ia para além da segunda ou terceira classe. No geral a quarta classe era apenas ministrada nos principais centros urbanos ou seja capitais distritais ou de circunscrição⁸. Mesmo as escolas de artes e ofícios não foram perspectivadas para a formação de mestres e artífices⁹. A política educacional esteve virada à preparação de mão-de-obra subserviente, não especializada e mal remunerada. O ensino secundário de Africanos foi sempre considerado insustentável e uma potencial fonte de ideias subversivas. Para muitas crianças negras a instrução apenas servia para perpetuar a sua condição de cidadão de segunda categoria, ocupando lugares e empregos menos privilegiados na sociedade. Apesar de algumas vozes missionárias defenderem a necessidade de maior justiça social¹⁰, a

6. Veja decreto n.º 31.207, 5 de Abr. de 1941. Este acordo foi largamente publicitado na Beira, através de um suplemento especial da *Missão africana*, XV, 429, Maio de 1940.

7. Este aspecto é claramente denunciado por Mondlane no seu livro *Lutar por Moçambique*, Lisboa, Sá da Costa, 1977. As tendências etnocentristas e racistas constituíam o pilar da filosofia educacional colonial, como foi vincado por um inspector superior de educação em 1953: ver Manuel Ferreira ROSAS, « Rural Primary Schooling », in *Inter-African Conference On Rural Welfare*, Lourenço Marques, Sept. 1953, AHM, FUNDO DOS NEGÓCIOS INDÍGENAS (FNI), caixa 52.

8. Por exemplo, o ensino da quarta classe em Manica (Missão de Jécua) foi apenas introduzido na década de 1950, altura em que algumas circunscrições incluindo Mossurize começavam a ensinar a terceira classe elementar.

9. Em 1926 o alto comissário de Moçambique, Brito Camacho, referiu-se a este aspecto nos seguintes termos: « Os brancos que em Moçambique têm o cargo de ensinar os pretos fazem todo o possível para que ele nada aprenda. Não habilitam os negros a mestres, artistas ou artífices » (B. CAMACHO, *Terra de Lendas*, Lisboa, Guimarães e Companhia, 1926: 47).

10. O bispo da diocese da Beira, D. Sebastião Soares de Resende, com o seu humanismo católico, distinguiu-se nesta luta, denunciando energicamente a injustiça social, particularmente em Manica e Sofala (veja, entre outros, Soares de RESENDE, *Pastoral*, Beira,

apreciação dos valores culturais africanos e a promoção das línguas locais continuavam tabu. De facto a Igreja católica funcionou como uma peça fundamental do projecto colonial¹¹. Este consubstanciava-se na política da « assimilação » e do « gradualismo », pela qual a Igreja católica devia preparar o Africano com vista a sua gradual participação na vida pública, lado a lado com o Português.

Baseado na sua ideologia fascista, o Estado colonial português restringiu a participação de missões protestantes e, por vezes, de católicos não portugueses, temendo a sua apregoada influência « desnacionalizadora » sobre os Africanos. Não obstante essas barreiras, aproveitando-se de algumas cláusulas internacionais, algumas missões protestantes, como são os casos da Missão suíça ou presbiteriana, Igreja metodista, Missão anglicana e a American Board, não só ofereceram mais oportunidades para a instrução como também inculcaram nos Africanos novas atitudes e valores, incluindo o ensino e uso de línguas locais. As missões protestantes, incluindo a American Board, não só criticaram o conceito de civilização difundido pela missão católica, como também propuseram currículos alternativos no sentido de alargar a visão científica dos estudantes africanos¹². Ao enfatizar a importância da cultura africana, o evangelho protestante contribuiu para o despertar da consciência política e a reafirmação da identidade africana. Esta prática abriu caminho à emergência de movimentos associativos de cariz nacionalista que mais tarde apoiaram as lutas de reivindicação política¹³. Apesar das transformações políticas ocorridas no mundo e no continente africano, em particular na década de 1950, a Igreja católica não se dissocinou do colonialismo. O seu evangelho nunca privilegiou a análise social que pusesse em causa as disparidades entre negros e brancos no direito ao usufruto da riqueza material. Pelo contrário olhava para o movimento associativo africano como uma ameaça à sua própria existência¹⁴.

1946 ; AHM, FUNDO DO GOVERNO GERAL (FGG), n° 405, *Relatório anual da diocese da Beira, 1951* ; José CAPELA, « Para a história do *Diário de Moçambique* », *Arquivo*, 6, 1989 : 177-180.

11. Veja AHM, FGG, n° 155, *Relatório anual da arquidiocese de Lourenço Marques, 1943* ; D. Teodósio Clemente de GOUVEIA, *As Missões católicas portuguesas em Moçambique : o nosso depoimento*, Lourenço Marques, Guardian, 1960.
12. Veja por exemplo a proposta de programa de ensino adoptado por Kamba Simango em Gogoi, « Outline of Missionary Program », enviada ao director dos negócios indígenas da Companhia de Moçambique por Kamba Simango, Maio de 1933, in J.K. RENNIE, *Christianity, Colonialism...*, *op. cit.* : 405 ; M.P. de ANDRADE, « Proto-nacionalismo... », *op. cit.* : 140.
13. Teresa Cruz e Silva analisa este fenómeno com profundidade em relação ao Sul de Moçambique (T. Cruz e SILVA, *Protestant Churches and the Formation of Political Consciousness in Southern Mozambique, 1930-1974*, Ph. D. thesis, Bradford (GB), University of Bradford, 1996 mimeo ; veja também M. CAHEN, *Les mutineries...*, *op. cit.* ; M.P. de ANDRADE, « Proto-nacionalismo... », *op. cit.* : *passim*).
14. Por exemplo o bispo da Beira, Soares de Resende, revelou uma atitude bastante hostil em relação ao Grémio negrófilo de Manica e Sofala, tendo para o efeito proposto uma estreita vigilância sobre os seus membros e suas actividades (veja AHM, FGG, n° 224, *Relatório anual da diocese da Beira, 1947*).

O estabelecimento da American Board Mission e a cristianização

Apesar do território de Manica ter sido amiúde palco da influência protestante anglicana¹⁵, foi a American Board Mission que com a sua presença física na Beira e no Mossurize desafiou as autoridades da Companhia de Moçambique e da Igreja católica representada pela ordem dos franciscanos. A fraca presença colonial portuguesa em Mossurize, aliada à incipiente intervenção católica, propiciou um ambiente favorável à influência e penetração protestante a partir do vizinho território britânico da então Rodésia do Sul.

O interesse da American Board por Moçambique começou nos finais do século passado. Em 1880 um enviado da American Board deslocou-se às terras de Muzila na sua capital em Mossurize afim de negociar com o rei de Gaza a possibilidade de estabelecer uma estação missionária¹⁶. Neste período os congregacionistas americanos se encontravam no Natal. Foi a partir daquele local que tiveram as primeiras informações acerca do império de Gaza, quando Muzila estabeleceu contactos com o oficial britânico St. Vincent Erskine¹⁷. Apesar da preferência pelas terras altas de Melsetter ou Chimanimani para a localização da principal estação missionária, a American Board considerava a possibilidade de alargar a sua influência pelo resto do território sob a administração de Muzila até Sofala. A velha rota das trocas comerciais através do rio Buzi constituía a principal via para ligar a costa ao planalto. Neste contexto a cidade ferro-portuária da Beira e a região planáltica de Gogoi foram consideradas principais alvos da actividade da American Board Mission no vasto território de Manica e Sofala. Enquanto na Beira perspectivavam evangelizar e instruir trabalhadores oriundos de vários quadrantes, entre eles Sena, Ndau e outros, a estação de Gogoi parecia destinada a servir de base para a expansão da actividade escolar e missionária no *hinterland* de Manica. Todavia, a presença católica na Beira não facilitou a actividade da American Board, sucedendo exactamente o contrário em relação a Gogoi. De facto, pelo menos até à década de 1940, Mossurize não fora ocupado por qualquer missão católica e por isso era mais vulnerável à ocupação protestante. O trabalho na Beira foi dirigido sucessivamente por três missionários, a saber F.R. Bunker (1895-1896 e 1905-1907), o reverendo C.H. Maxwell (1915-1917) e o missionário suíço Pierre Loze (1930-1947). A níveis diferentes, os três missionários, em particular Fred Bunker, tem passado por imensas dificuldades no seu relacionamento com as autoridades portuguesas¹⁸.

15. Sobre a influência anglicana em Manica, particularmente antes de 1920, veja J. PAUL, « Revolution and Quietism: The Anglican Experience in Mozambique », in Centre of African Studies, ed., *Mozambique. Proceedings of a Seminar held in the Centre of African Studies, University of Edinburgh*, 1978 : 32-44 ; J. M. da CRUZ, ed., « Para a história das missões franciscanas : Missão de Nossa Senhora do Rosário de Macequece », *Missão africana* (Beira), IX, 418, 2 Maio de 1940 : 1-6.

16. Depois da concessão de terreno por Cecil Rhodes para a localização da missão em Melsetter em 1891, os missionários da American Board iniciaram a sua fixação na Beira em 1895 (E. MOREIRA, *Portuguese East Africa : A Study of its Religious Needs*, London, World Dominion Press, 1936 : 42-43).

17. Veja St. V. ERSKINE, « Third and Fourth Journey in Gaza, or Southern Mozambique, 1873 to 1874, and 1874 to 1875 », *The Journal of the Royal Geographical Society*, 48, 1978 : 25-46.

18. See L. SPENCER, *Towards an African Church...*, *op. cit. : passim*. O facto de F. Bunker ter funcionado como cônsul honorário dos EUA na Beira poderá ter agravado as suspeitas das autoridades portuguesas sobre uma eventual actividade desnacionalizadora dos Estados Unidos junto dos Africanos (para mais detalhes, ver J.K. RENNIE, *Christianity, Colonialism...*, *op. cit. : 345*).

Em 1912 a American Board Mission, operando a partir de Mount Selinda, adoptou uma nova estratégia optando pela aquisição de um terreno afim de estabelecer a estação missionária de Gogoi. Depois de algum tempo, em 1916 as autoridades da Companhia de Moçambique anuíram ao pedido de terreno¹⁹. Paralelamente às negociações com a Companhia, a missão americana estabeleceu contactos com o régulo de Gogoi, solicitando a permissão para ali se fixarem e iniciarem a conversão e educação da população local. A escolha de Gogoi não só se deveu à sua proximidade da missão de Mount Selinda, como também às condições ecológicas propícias para a prática de agricultura e criação de gado. O estabelecimento da estação em 1916-17 levou à expansão do protestantismo no interior de Mossurize e zonas circundantes²⁰. A combinação do evangelho com o ensino de programas que respondiam às necessidades da população resultou na aderência das comunidades ao protestantismo²¹. Um dos efeitos mais significativos deste processo foi a emergência de professores negros, embora, para a prossecução da sua actividade escolar, a American Board foi obrigada a empregar professores portugueses (moçambicanos) e a usar a língua portuguesa tanto no ensino como na evangelização. Para tal, poderia contar com o apoio de Lourenço Marques²².

Se a experiência de Fred Bunker na Beira foi desastrosa, pelo menos conseguiu influenciar os jovens da Machanga trabalhando na cidade a prosseguirem com os seus estudos em Mount Selinda. Foi com este grupo de jovens que mais tarde a American Board viria a formar o seu *staff*, especialmente professores e evangelistas africanos, para operar no território. Deste grupo destacam-se Bede Simango, Tapera Ncomo, Sixpence Chovane Simango e, ao mais alto nível, a dimensão do seu trabalho ultrapassando as fronteiras de Moçambique, Kamba Simango²³. De facto a abertura oficial de Gogoi só foi possível com o regresso de Bede Simango de Lourenço Marques²⁴. Com o projecto educacional quase assegurado a American Board Mission passava a priorizar Gogoi em relação a Beira.

A American Board Mission e os desafios do protestantismo em Mossurize

A década de 1920 foi vital para o triunfo da American Board. Com uma comunidade relativamente forte aparentemente mostrava sinais de boa saúde para levar avante a sua missão. Contactos com Kamba Simango ainda

19. Todavia pedidos similares para Maxemeje e Machanga não foram sancionados de imediato (*ibid.* : 401).

20. F.R. BUNKER, *The Land Project : Portuguese East Africa*, National Archives of Zimbabwe (NAZ), UN 3/2/3/1, 1921-1928 ; NAZ, UN 3/20/1/12/6 : *First Annual Report of Gogoyo Mission Station*, Jan. 12th 1917.

21. Sobre o impacto das escolas das missões da Rodésia sobre as crianças de Manica, veja J. das NEVES, *The State, Missionary Education, Child Labour and Migration in Manica, 1930-1960*, paper presented at the African History Seminar, SOAS, University of London, 19 Febr. 1997.

22. Veja L. SPENCER, *Towards an African Church...*, *op. cit.* : 3, 5, 6.

23. Veja, entre outras fontes, L. SPENCER, *Em direcção a uma Igreja africana...*, *op. cit.* : 22-29, que oferece a melhor descrição sobre Kamba Simango ; P. LOZE, *Portuguese Christian Evangelical Association of Worship, Education and Welfare in The Territory of Manica and Sofala, Report to the Missionary Conference at Mount Selinda*, Beira, 28th May 1936 ; NAZ, UN 3/20/3/3.

24. Todavia o primeiro a ser enviado a Lourenço Marques foi Tapera Nkomo, que obteve o certificado de aptidão em português em 1917. Veja E. MOREIRA, *Portuguese East Africa...*, *op. cit.* : 47. Em Lourenço Marques a American Board parece ter estabelecido ligações com a Missão suíça, que amiúde tutelava os cursistas enviados por aquela instituição para o curso de teologia ou outros no centro de Ricathla.

nos EUA se intensificaram, tanto com Bunker, Maxwell e mesmo P. Loze. A intenção era persuadi-lo a assumir a liderança da missão em Moçambique. Na sequência disso, K. Simango teve que rapidamente enriquecer o seu currículo com conhecimentos pedagógicos e evangélicos. Um estágio de língua portuguesa em Portugal era imprescindível. Daqui, Simango partiu para Angola onde passou sensivelmente um ano de traquejo antes de chegar a Beira em Setembro de 1926. O percurso de Simango é complexo ; interessa aqui sublinhar que a sua convivência nos EUA não só o armou com capacidades técnicas, como também com qualidades de liderança e sentimento panafricanista que se reflectiram depois em Moçambique e na Rodésia do Sul.

As movimentações da American Board e a crescente onda migratória de crianças em busca de facilidades de educação nas missões rodesianas começaram a inquietar seriamente a missão católica e as autoridades da Companhia de Moçambique. Assim em 1923 o administrador do território de Manica e Sofala enviou uma carta-queixa a Lisboa denunciando o perigo da atracção exercida pela American Board junto dos nativos²⁵. Perdida a possibilidade de conversão de adultos, a missão católica em Manica depositava as suas esperanças na atracção de crianças. Porém, os baixos níveis de escolarização e a ênfase no catecismo e cântico, para além do trabalho na machamba da missão, desencorajavam as crianças e suas famílias²⁶. Este desinteresse era obviamente estimulado pela existência de alternativas locais ou junto à fronteira do lado da Rodésia, onde as escolas missionárias, os postos de saúde e as lojas se dispunham como montras viradas para Moçambique em quase toda a extensão fronteiriça. O relatório dum padre franciscano em Manica reconhece estas dificuldades e acrescenta que em 1928, apesar da missão católica ter já estabelecido dez escolas rurais, as seis escolas protestantes (duas americanas e quatro anglicanas) faziam-lhes grande concorrência²⁷. Apesar do ataque das autoridades portuguesas, Fred Bunker não descansava em denunciar o modo atrasado e imoral com que as autoridades portuguesas tratavam os Moçambicanos de Manica e Sofala²⁸. Foi nestas circunstâncias que Gogoi iniciou com a sua empresa educacional e religiosa.

A American Board e a resposta local à cristianização

A natureza e metodologia do ensino e evangelização protestantes bem como as motivações da própria população contribuíram ao sucesso das missões protestantes no desafio às autoridades portuguesas e à missão católica. A estratégia da American Board foi a de associar a evangelização, a educação e o desenvolvimento socioeconómico. Entendiam a formação pro-

25. AHM, ARQUIVO GERAL DO TERRITÓRIO DA COMPANHIA DE MOÇAMBIQUE, processos confidenciais, cx. 14, ofício de 8 de Junho de 1923 ; veja também M.P. de ANDRADE, « Protónacionalismo... », *op. cit.* : 137.

26. Entrevistas conduzidas pelo autor nas localidades de Penhalonga, Mavita, Mavonde, Jécua e Chazuca em Junho-Out. de 1996 e Junho de 1997 ; entrevista conduzida com o padre F. Chaves, Manica, 30 de Julho de 1996.

27. Padre C. da Silva Azeredo, *Missão de Nossa Senhora do Rosário de Macequece*, Território da Companhia de Moçambique, Macequece, 1940, 54 p. mimeo.

28. A lista de denúncias incluía o trabalho forçado e a filosofia de civilização apregoada pelos Portugueses ; veja Fred Bunker, em Maio de 1927, citado por M. de ANDRADE, « Protónacionalismo... », *op. cit.* : 135-142.

fissional como o principal instrumento de elevação do poder de compra e da condição social do trabalhador africano. Desde cedo também se preocuparam com os problemas do género, embora fossem um pouco paternalistas²⁹. Contrariamente à hipocrisia do poder colonial e da Igreja católica com a sua política de gradualismo, a missão americana não hesitava em facilitar a prossecução de estudos avançados às crianças que se revelassem brilhantes, sempre que as possibilidades o permitissem. Na definição de currículos sempre procuraram adaptar programas ocidentais à realidade africana e às exigências do mercado local. O uso da língua local e o inglês cativaram ainda mais os Africanos a aderirem. De facto a aprendizagem em shonandau e em inglês abria mais possibilidades de acesso ao principal mercado de emprego na região, isto é a Rodésia do Sul. A ambição dos jovens era naturalmente de aprender na sua língua materna e na língua que lhes abrisse portas. Aprender português para ir ao contrato não motivava a ninguém, e por várias vezes os meus entrevistados em Manica sublinharam que era o mesmo que perder tempo, pois português não era língua de trabalho.

Embora a American Board Mission tenha inicialmente, por imperativos de professores, ensinado os seus pupilos em zulu e inglês, cedo foi obrigada a abandonar e adoptar o português como principal língua de ensino. Todavia, isso não os inibiu de usar o vernáculo ndau. Quando Kamba Simango na companhia de Bede Simango passou para Gogoi em 1927 ou 1928, procurou africanizar a escola e adequar os programas de ensino às exigências do mercado rodesiano, sem no entanto omitir o programa oficial requerido pelas autoridades portuguesas. Assim, a sua escola ensinava tanto em português como em inglês, sobretudo com a utilização de manuais produzidos por Mount Selinda. O ensino da aritmética incluía a moeda inglesa, e o ensino da carpintaria usava as medidas em polegadas em vez do sistema métrico.

Apesar do aparente sucesso da missão de Gogoi, problemas logísticos, diferendos entre colegas e suspeitas das autoridades portuguesas precipitaram o encerramento da estação em 1934³⁰. Não obstante este percalço, a semente do protestantismo já havia começado a germinar. A evangelização tinha-se expandido por muitas áreas convertendo homens, mulheres e velhos. As consequências do ensino protestante viriam mais tarde a afectar o trabalho da missão católica de S. Leonardo de Mossurize estabelecida em 1940. Jovens em idade escolar e não só emigravam para as escolas da Rodésia, em particular a missão de Mount Selinda³¹. Com o encerramento de Gogoi os professores afectos a esta instituição e por conseguinte dependentes de Mount Selinda tiveram que contar com os seus próprios meios. Esta situação precipitou a divisão do grupo em duas facções. Apesar da presença de P. Loze na Beira em representação da American Board-Missionary Conference, os seus esforços apenas contribuíram para a divisão do movimento. Neste contexto Kamba Simango e Sixpence Simango abandonaram Gogoi e seguiram para Machemeje e Machanga, enquanto P. Loze contava com a colaboração de Taper Ncomo à

29. Veja Pierre LOZE, *Report of Mount Selinda Station, June 1916 – June 1917*; NAZ, UN 3/20/1/12, *The Mozambique Company and the Gospel*, Beira, 1932. NAZ, UN 3/20/3/2.

30. Sobre as possíveis razões do encerramento, veja uma correspondência de 1928 citada por M.P. de ANDRADE, « Proto-nacionalismo... », *op. cit.* : 140; L. SPENCER, *Towards an African Church...*, *op. cit.* : 8-10; J.K. RENNIE, *Christianity, Colonialism...*, *op. cit.* : 405.

31. Veja J. das NEVES, *The State, Missionary Education...*, *op. cit.* : 5-14.

frente da recém-criada Associação cristã evangélica portuguesa de culto, ensino e beneficência nos territórios de Manica e Sofala³². Para contrapor a associação de P. Loze e Tapera Ncomo, Sixpence e Kamba Simango estabeleceram nos anos 1940 o Grémio negrófilo de Manica e Sofala, abarcando antigos alunos da escola de Gogoi. O Grémio, que defendia reformas sociais e políticas e proclamava a solidariedade religiosa, cedo reclamou a aderência de mais membros³³. Deste modo as fundações deixadas pela American Board Mission produziram uma elite africana que embora não estivesse unida reclamou a liderança da Igreja protestante e foi responsável pela génese do movimento associativo de cariz nacionalista. Nos anos 1940 e 1950 este movimento irmanava-se com a proliferação de Igrejas independentistas e proféticas cuja formação beneficiou da experiência sul-africana ou rodesiana trazida por trabalhadores emigrantes moçambicanos. Todavia, este movimento viria a ser violentamente reprimido pelas autoridades portuguesas, relegando a sua expressão à clandestinidade.

Jun 1998

Joel das NEVES

Universidade Eduardo Mondlane, Maputo,
e School of Oriental and African Studies, University of London

APÊNDICE SOBRE AS FONTES DE ARQUIVO

O espólio existente no Arquivo histórico de Moçambique (AHM) pode ser localizado facilmente através do Fundo do governo geral; do Fundo da Companhia de Moçambique; do Fundo do governo do distrito da Beira; do Fundo da administração das circunscrições de Mossurize e de Manica, para além dos relatórios de Afonso Ivens-Ferraz de Freitas e de José Alberto Branquinho.

Fontes do Arquivo de Zimbabwe (National Archives of Zimbabwe, NAZ) incluem relatórios da Missão americana de Mount Selinda, da estação missionária de Chikore e da estação missionária de Gogoi (Mossurize), e correspondência entre a American Board Mission e seus missionários estacionados em Moçambique, particularmente Fred R. Bunker e Pierre Loze.

A documentação dos missionários franciscanos consiste nos seus relatórios anuais e artigos publicados nos principais periódicos, nomeadamente *Missão africana* (publicado na Beira) e *Missões franciscanas* (publicado em Braga). Os relatórios anuais da missão de Jécua em Manica são extremamente úteis para a compreensão da complexidade do conflito entre a Igreja católica e as missões protestantes tanto em Manica como ao longo da fronteira rodesiana com Moçambique.

32. P. LOZE, *Portuguese Christian Evangelical Association of Worship, Education and Welfare in the Territory of Manica and Sofala, to the Missionary Conference at Mount Selinda*, Beira, 28th May 1936, NAZ, UN 3/20/3/3; L. SPENCER, *Towards an African Church...*, op. cit. : 11-12.

33. Veja J. RENNIE, *Christianity, Colonialism...*, op. cit. : 418; AHM, FUNDO DA DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE ADMINISTRAÇÃO CIVIL, cx. 21, *Processo de averiguações relativas às actividades do Núcleo negrófilo de Manica e Sofala*; M.P. de ANDRADE, «Proto-nacionalismo...», op. cit. : 143.

